

Revelando a infância em uma experiência literária na escola pública

Luiz Fernando Pereira Pinto

Pesquisador autônomo – Rio de Janeiro

Resumo: Este relato foi desenvolvido a partir de uma experiência literária ocorrida na Escola Municipal Conde de Agrolongo, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Para isso, lanço mão de fragmentos sobre a infância encontrados nas obras “Rua de mão única” (1987) e “Passagens” (2006) do pensador alemão Walter Benjamin em diálogo com o livro “O flautista misterioso e os ratos de Hamelin” (2006) de Bráulio Tavares. O objetivo é apontar a utilização de jogos na escola pública enquanto uma experiência capaz de gerar suspensões, recomeços e pontos de contato com a infância.

Palavras-chave: Experiências literárias. Infância. Escola pública. Jogo.

Abstract: This story aims at a case study through a literary experience that occurred at the Municipal School Conde de Agrolongo, located in the North Zone of Rio de Janeiro. For this, I hand out fragments about childhood found in works “Rua de mão única” (1987) and “Passagens” (2006) of the German thinker Walter Benjamin in dialogue with the book “O flautista misterioso e os ratos de Hamelin” (2006) by Bráulio Tavares. It is intended to point out the use of games in public school as an experience capable of generating new beginnings and points of contact with childhood.

Keywords: Literary experience. Childhood. Public school. Game.

Antes a gente falava: faz de conta que
este sapo é pedra.
E o sapo eras. (BARROS, 2010, p. 474)

INTRODUÇÃO

Foi na sede do Olaria Atlético Clube, localizada na Região da Leopoldina, Zona Norte do Rio de Janeiro, que ocorreu uma das edições da Flup Parque¹, com a execução da Gincana Literária da Flup, competição escolar em torno da palavra, reunindo cinco escolas públicas, sendo elas as municipais Brasil, Miguel Couto, Berlim, Aníbal Freire e Conde de Agrolongo. Cada uma, durante três meses, aprofundou seus conhecimentos sobre um autor da literatura brasileira (Roger Melo, Nilma Lacerda, Marina Colasanti, Flávio Carneiro e Braulio Tavares). Para realizar a mediação entre as obras literárias e a escola, a Flup convocou artistas e realizadores que atuam na cena de saraus e slams da região metropolitana do Rio de Janeiro. Os treinadores, como foram denominados, - Yassu Noguchi (idealizadora do Haicai Combat), Hugo Germano, Felipe Paiva (integrantes da companhia Completamente Solta) e Luiz Fernando Pinto (idealizador e produtor do Sarau do Escritório²) - tinham a missão de incentivar a leitura das obras dos escritores supracitados desenvolvendo metodologias próprias de mediação e assim contribuir para que a escola executasse as tarefas da gincana.

As palavras a seguir descrevem uma das fotografias registradas ao término da competição. São ao todo onze crianças, parte delas vestida com o uniforme da escola municipal do Rio de Janeiro, todas, menos uma, dão a sensação de estarem flutuando, como se o vento as suspendesse, de forma semelhante às “Crianças na rua principal”³, de Kafka. Todas estão em movimento, uma reação que beira a coreografia. Ruidosas, há mais corpos do que fotografia, pois eles rompem as fronteiras limitadas da imagem. Em oposição às que pairam no ar, uma está agachada, mas só conseguimos visualizar cerca de 10% de sua gente, visto que outra criança encobre a sua pessoa. Entre as crianças, uma outra, com o avançar da idade, também se eleva do chão. Essa, veste uma camisa de botão, em um cinza meio azulado, de mangas longas,

¹ A FLUP Parque é uma das divisões estruturais da Flup, consiste em oficinas de leitura com participação das escolas municipais. Mais informações sobre o projeto ver na dissertação de mestrado “Pensar e escrever a periferia - FLUP como um lance de política cultural”, de Daniele Rodrigues de Oliveira.

² O Sarau do Escritório é uma intervenção artístico-política-cultural que acontece desde 2013, em uma praça no bairro da Lapa, possui como um dos seus dispositivos ações formativas, realizadas, sobretudo, em escolas públicas. Este é um dos momentos em que o Escritório se instala em outros territórios para além da Lapa. Com a máxima “quem bate cartão também faz poesia”, o Sarau do Escritório se propõe a reunir pessoas em torno da poesia.

³ “Crianças na rua principal” é um pequeno conto presente no primeiro livro de Franz Kafka, *Contemplação*, publicado em 1912, traduzido para o português por Modesto Carone.

por dentro da calça jeans azul habitual, presa com um cinto marrom possivelmente em couro. Na fisionomia de cada uma vemos grande animação, com *ão* aumentativo, como diz Mário de Andrade⁴. Há uma euforia coletiva como se não estivessem acreditando no acontecido. Estão todas comemorando uma vitória, como aquelas de final de copa do mundo, mas não é, pois este jogo não tem a ver com bola e sim com palavras. Ao fundo vemos a silhueta de pessoas que também comemoram com certa moderação e outras que apenas observam, uma delas sou eu, idealizador e realizador do Sarau do Escritório.

O bando de crianças presente na fotografia descrita acima é composto por alunos da escola municipal Conde de Agrolongo e pelo escritor e pesquisador de literatura Bráulio Tavares, juntos formaram o time vitorioso da Gincana Literária da Flup Parque, em Olaria. A imagem alude ao que Júlia de Carvalho Hansen e Maria Carolina Fenati, na abertura da revista *Gratuita*, em edição dedicada à infância, escrevem sobre as crianças que surgem nos livros de Kafka:

Quando um bando de crianças se aproxima, tudo ao redor fica suspenso, e elas correm no *rés-do-chão* da narrativa, transformando a rigidez em escombros. Por criar este instante de instabilidade, a escrita retoma a sua condição indeterminada e tem a possibilidade de, outra vez, começar (FENATI, 2017. p.5).

Diante desta perspectiva, pretendo levantar nas páginas a seguir um estudo de caso, um breve percurso da experiência literária ocorrida com as crianças da Escola Municipal Conde de Agrolongo, constituído por meio de jogos em torno da obra de Bráulio Tavares, que resultou nesse momento de suspensão capturado pela fotografia de Filipe Marques. Para tal, lançarei mão de algumas perguntas que ajudarão a conduzir o texto. Como criar uma relação entre obra e leitor, real e ficcional, imaginado e realizado em um ambiente *rígido*, ditado pelas regras escolares? Como a perspectiva de *começar* outras e diferentes vezes se presentifica nas atividades desenvolvidas? Será que o processo que resulta nesta suspensão, esse *instante de instabilidade*, pode ser considerado um movimento de ativação e retorno à infância? Para colaborar na tentativa de responder tais questões, proponho um diálogo com uma seleta de fragmentos sobre infância do pensador alemão Walter Benjamin.

PRÉ-JOGO: PREPARANDO O TERRENO PARA UM COMEÇO

⁴ “É realmente um caso extraordinário o *Ascenso*: é um *ão* aumentativo” Mário de Andrade referindo-se ao poeta *Ascenso Ferreira*. Andrade dá grandiosidade ao que por si só é visualmente elevado. Ver em “Correspondência - Mário de Andrade e Manuel Bandeira”, MORAES, Marcos Antonio (org.) São Paulo: Edusp. 2000, p.342.

Antes do início das atividades com o grupo de alunos, foi realizada uma reunião entre o treinador, a coordenação pedagógica do colégio e as professoras da sala de leitura, que em um primeiro momento, informaram estarem receosas com o conteúdo das obras do escritor Braulio Tavares. Segundo elas, ao pesquisarem sobre seus livros, tiveram o entendimento de que os escritos de Tavares não eram apropriados para a faixa etária dos alunos (de seis a dez anos), sobretudo pelos poemas eróticos que compõem o seu trabalho. Contrapondo essa perspectiva, apresentando uma leitura sobre a pluralidade de gêneros e abordagens temáticas desenvolvidas, e ainda em curso, na carreira do autor, foi sugerido uma lista de livros para o leitor infantil que poderia conduzir o processo nos próximos três meses, com foco nas obras *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin*, *A invenção do mundo pelo Deus-curumim* e *Sete monstros brasileiros*.

Criança lendo. Recebe-se um livro da biblioteca da escola. [...] Só de vez em quando alguém arrisca exprimir um desejo. [...] O silêncio do livro convidando-nos a avançar, a avançar! [...] Ela se mistura muito mais de perto com as personagens do que o adulto. Sente-se indescritivelmente tocada pelos acontecimentos e pelos diálogos, e quando se levanta está inteiramente coberta da neve que caiu da leitura (BENJAMIN, 1987. p.34).

A imagem elaborada pelo pensador Walter Benjamin em seus escritos sobre a infância data do início do século XX, mas poderíamos transpô-la para o século XXI, mais precisamente para o momento em que os alunos da Escola Municipal Conde de Agrolongo receberam o exemplar do livro *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin*.

Mesmo que contada de diferentes maneiras ao longo dos anos, com versões famosas como as do poeta inglês Robert Browning e as dos irmãos Grimm, nenhuma das crianças conhecia a lenda europeia. Após uma leitura coletiva sem muitos comentários, houve uma enxurrada de falas aproximando a história dos seus próprios cotidianos. Frases como: “E se Hamelin fosse aqui na Penha?”, “Ia ter que levar os ratos pra estação de trem, assim o trem passaria por cima de todos eles”, “Eu colocaria dentro de uma caixa enorme e tacaria fogo”, “Minha mãe mata rato com vassoura!”, “Meu pai usa ratoeira”, “Meu primo cria um rato branco gigante”, “Lá não vendia chumbinho?”, foram algumas das intervenções que anotei no meu “caderno de campo”. Essas misturas, utilizando a imagem de Benjamin, que as crianças fizeram com a narrativa e os personagens, desdobraram em atividades voltadas para aprofundar a relação entre os leitores e a obra, a realidade e a fantasia.

De modo similar, podemos dizer que Braulio Tavares, ao assumir o lugar do contador de histórias, realiza uma espécie de mistura entre suas vivências e a lenda oral alemã. Em um dos apêndices presentes no livro *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin* ele diz que “O escritor de cordel mistura, sem a menor cerimônia, seu próprio mundo e o mundo dos seus

personagens.” (TAVARES, 2006. p.68). Transformando a lenda de Hamelin em literatura de cordel, com o ritmo dos versos metrificados e a ilustração de Mario Bag, em estilo xilogravura, fazendo uma alusão aos folhetos de cordel, a história adquire uma linguagem própria que aproxima o mundo do escritor com a obra, mas também o mundo do leitor com o das personagens da narrativa.

Havia ratos correndo
sobre as relvas, sobre as gramas,
nas botas dos cavalheiros,
nas longas saias das damas,
roendo o pão dos armários,
puxando o lençol das camas
(TAVARES, 2006. p.10).

Se ainda havia alguma dúvida sobre a recepção dos alunos à obra de Braulio Tavares⁵, essa sensação foi modificada após o primeiro contato entre as crianças e a história dos ratos de Hamelin. Mesmo que as atividades da Sala de Leitura sejam menos rígidas que os conteúdos da grade curricular principal, há por parte dos professores muita cautela sobre quais livros podem ser compartilhados com os alunos. Essa rigidez se intensifica nas instâncias superiores do colégio.

Com relação aos alunos, em meio a um campo expandido da curiosidade, como a criança que observa as dinâmicas locais diante das grades do jardim em “Crianças na rua principal”, de Kafka, após alguns encontros, notava-se o rompimento das fronteiras estabelecidas pela limitação de livros escolhidos para o processo de trabalho. A partir de suas próprias investigações, as crianças compartilharam conteúdos sobre a vida e outras obras de Braulio Tavares. Informações como o time de futebol para qual o escritor torcia, trabalhos artísticos na área da música e do teatro, foram trazidos pelos próprios alunos e incorporados nas atividades para a realização das tarefas da gincana. Essa curiosidade é fundamental para tornar a experiência prazerosa e instigante, pois, como destaca Paulo Freire, ela está “grávida de sugestões e perguntas” (FREIRE, 2001. p.259).

PRIMEIRO COMEÇO

A primeira tarefa da Gincana Literária foi adaptar uma das obras do escritor em uma esquete teatral. O livro escolhido pelo grupo foi justamente *O flautista misterioso e os ratos de*

⁵ O livro “O flautista misterioso e os ratos de Hamelin” recebeu a menção “Altamente Recomendável” da FNLIJ, e o Prêmio de Melhor Livro Infanto-Juvenil de 2006 concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Hamelin. Buscou-se na criação um encurtamento de distâncias entre a narrativa e a percepção dos alunos sobre a obra. A partir das questões levantadas no primeiro encontro, foi solicitado às crianças reescreverem a história, utilizando suas experiências cotidianas como elemento disparador para elaboração de novos olhares sobre a lenda recontada por Tavares. Cada aluno trouxe um objeto de casa que pudesse colaborar para, coletivamente, contarem a história através do gênero teatral.

Walter Benjamin, em um pequeno texto intitulado “inícios verdejantes”, analisa as cartilhas da austríaca Tom Seidmann-Freud, utilizada para a alfabetização de crianças. Segundo ele, a autora e ilustradora das cartilhas tomou “o cuidado de preservar a soberania da criança que brinca, de não deixar que ela perca nenhuma força junto ao objeto da aprendizagem” (BENJAMIN, 1984. p.112), esse é, precisamente, o impulso que moveu a proposição do exercício de encenação da esquete e o processo de reconstrução da narrativa, tecendo os saberes trazidos pelas crianças com a estrutura da história. O flautista ganhou como parceiro um tocador de gaita, a invasão dos ratos ocorreu no bairro da Penha e não na cidade europeia. Além de ocuparem os mercados e as casas, a rataria correu pelo parque Shanghai - frequentado aos finais de semana pelos estudantes -, invadiu a estação de trem e comeu toda a merenda da escola. Nas brechas do livro que as crianças incorporaram suas fantasias e elementos do dia a dia, pois, assim como as cartilhas de Tom Seidmann-Freud, a lenda de Hamelin possui “suficientes espaços em branco para serem pintados e rabiscados, territórios amplos e fecundos nos quais todos os monstros e heróis favoritos de seu dono podem ser confortavelmente instalados.” (idem). Ainda que a narrativa elaborada por Braulio Tavares seja arquitetada de maneira habilidosa, no caso da experiência na Conde de Agrolongo, esses espaços em branco foram cavados e ocupados pelos estudantes. A criança é capaz de encontrar espaços mesmo onde porventura não há. A adaptação da história para teatro contou com cerca de trinta crianças, um pouco mais da metade preferiu atuar no papel de rato. A brincadeira de ser um animal, para elas, era muito mais divertida do que encenar o papel de um herói. A fantasia de descobrir-se como rato adentrava em um mundo ilimitado, um poço sem fundo de possibilidades imaginadas, um mergulho na dimensão mágica da linguagem, como escreve Walter Benjamin (idem). Havia ratos dos mais diversos, dos assustadores e selvagens aos de estimação e dóceis. Um deles tornou-se até companheiro da dupla de músicos que encenavam os papéis de exterminadores dos roedores. Mas alguns acordos foram mantidos para que não perdessem o fio da história. O desafio do jogo era equilibrar, na adaptação do texto, a inserção das

experiências de cada aluno com a experiência aplicada pelo autor na elaboração do livro, transformando as crianças em coautores da narrativa.

SEGUNDO COMEÇO

Como segunda tarefa da gincana literária, as crianças precisaram organizar um sarau com apresentações inspiradas no livro *Sete monstros brasileiros*. A obra é composta por contos em que Braulio Tavares buscou inspiração nos monstros presentes na literatura oral. Através das lendas do folclore como ponto de partida, Tavares reinventou as narrativas que compõem o imaginário popular brasileiro, “o autor selecionou os monstros que mais o marcaram quando menino, na Paraíba, e quando adulto, na leitura de obras como *Geografia dos mitos brasileiros*, de Luís da Câmara Cascudo, e *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre” (TAVARES, 2014. p.8). Cito o autor, “um escritor deve ser capaz de reconstituir as suas memórias desse tempo da infância, em que via o mundo com outros olhos, cheios de potência criativa...” (idem, p.9). Ver o mundo com outros olhos, enxergar para além do que está visível, são imagens estruturantes para o desenvolvimento dos jogos realizados com as crianças da Escola Municipal Conde de Agrolongo. Cada início de uma atividade, ou um jogo, era uma porta que se abria para o mundo, um novo começo para algo que não se sabia o que viria a acontecer. A presença, o aqui e agora, era o tempo em comum compartilhado com todos. Esta experiência, que resultou na competição com outras escolas, fomentou a construção de um ambiente colaborativo em que as obras literárias eram, no sentido agambeniano, os ajudantes principais do processo.

Após leitura dos contos do livro, os alunos formaram pequenos times para iniciar os preparativos do sarau. A primeira ação realizada foi a criação de textos a partir de histórias fantásticas de monstros que já ouviram. As regras do jogo eram: *cada grupo deveria escrever em dez minutos de relógio, e em dez linhas exatas, uma história de terror ambientada na cidade de Hamelin*. A tensão dominou o ambiente, pois além das regras inerentes ao exercício de escrita nas disciplinas regulares em sala de aula, vinham-se obrigadas a cumprir outras regras, que em um primeiro entendimento, limitavam o processo criativo. Como escrever em apenas dez minutos uma história com exatamente dez linhas? Porém, o exercício justifica-se justamente na perspectiva de uma proposta de uso de determinadas regras que possam ser alargadas e operadas pela ação da criança. As dez linhas poderiam estar em qualquer tamanho de papel e seria possível utilizar diferentes formas de escrita, das letras miúdas a *garranchos*, no termo dito no linguajar informal da sala de aula. Quando perceberam que as regras não

limitavam a sua liberdade, mas que apresentavam uma outra maneira de olhar a escrita, o jogo tornou-se prazeroso. Na definição do historiador Huizinga,

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana' (HUIZINGA, 2001:33 apud SCHNEIDER, 2004, p. 52).

Mesmo que absolutamente obrigatória, no jogo proposto aos alunos, as regras adentram ao campo do imaginado, com a possibilidade de ser desconstruída por dentro, deslocando-se do cotidiano escolar. Brincar, jogar, torna-se diretamente relacionado a uma sensação de prazer.

No sarau, todas as crianças foram caracterizadas de monstros e zumbis⁶, as intervenções contaram com leituras das histórias desenvolvidas pelos times e apresentações de paródias musicais elaboradas a partir de elementos presentes nos contos do livro.

OUTROS COMEÇOS

Dei-lhes esses dois exemplos de começos como forma de possibilitar a visualização do modo como os alunos de uma escola pública do subúrbio do Rio de Janeiro, durante um período de três meses, se relacionaram com a obra e a vida do escritor Braulio Tavares. Uma experiência que buscou descobrir formas de atuação respeitando a inteligência da criança. Não se trata de realizar algo novo, inédito ao ambiente escolar, mas de propor uma experiência em que a escuta se presentifica, tanto na relação com a obra, mas, sobretudo, no desenvolvimento de uma inflexão que reconhece as vivências e o conhecimento do aluno.

Poderia aqui, ainda, descrever quase uma dezena de outras atividades realizadas em torno de um diálogo entre a palavra e os saberes do grupo de estudantes da Conde de Agrolongo que resultaram em um encurtamento de distâncias entre os leitores e a obra, mas também entre o autor e os alunos e o treinador e as crianças. Como por exemplo a visita que o escritor fez à escola e a sabatina realizada pelas crianças, com a elaboração de perguntas mágicas e afiadas. Mas convido os leitores para um desvio que retoma a fotografia retirada por Filipe Marques que descrevemos no início deste trabalho.

Antes é importante considerar que apesar do caráter institucional que rege a dinâmica da escola, com suas diretrizes que por muitas das vezes homogeneíza o modo como as relações

⁶ Gabriel Tavares, filho do escritor Braulio Tavares, realizou trabalhos com maquiagem fantásticas e aceitou o convite do treinador para caracterizar o grupo de alunos participantes.

se dão dentro do ambiente de aprendizado, desconsiderando as particularidades de cada sujeito e operando em uma lógica na qual o aluno torna-se mero depositário de conhecimento, destaco o movimento realizado pela Escola Municipal Conde de Agrolongo, na figura das professoras Solange Simões e Ana Paula Cardoso, da Sala de Leitura Monteiro Lobato. Além de incentivar e organizar o recebimento do projeto Gincana Literária da Flup, ainda, como em um salto no escuro, experimentando as diversas tentativas de começos, ora através da obra de Braulio Tavares e provocações do treinador, ora pelos conhecimentos dos próprios alunos, colocaram-se disponíveis para uma experiência fora do habitual cotidiano da sala de aula, que modificou de maneira temporária o *curso ordinário das coisas*, no sentido como aponta Larrosa em “Tremores, Escritos sobre experiência”, valorizando as diferenças e o estado de risco.

Estado que foi absorvido justamente através do jogo, ação em que o risco se instaura e a soma das diferenças resulta em um movimento coletivo em busca de uma futura vitória que tem o seu significado modificado no decorrer da experiência. O processo torna-se mais importante que o resultado final, o jogo é tratado como lugar de aprendizado, estratégia de estudo. Walter Benjamin nos mostra que o jogo pode ser entendido como uma “arte de acumular num só instante as emoções[...] o segredo de viver toda uma vida em alguns minutos” (BENJAMIN, 2006. p.553). Jogar é uma arte de estudar no sentido em que nos ensina Paulo Freire, na carta aos professores, “Estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria.” (FREIRE, 2001. p.264).

Feitas as considerações, concluo retornando à fotografia de Filipe Marques realizada na sede do Olaria Futebol Clube no último dia da Gincana Literária. Após três dias de apresentações das tarefas, elaboradas durante o processo de desenvolvimento das atividades a partir da obra dos escritores, as cinco escolas aguardavam o resultado final da competição. Em depoimento, Braulio Tavares comenta sobre esta fatia do tempo em que a infância não deixou ninguém adormecer, como no poema “O regresso à infância”, do poeta português Jorge Sousa Braga.

Você lembra, foi uma tarde de muito suspense, a meninada estava intensamente envolvida. Houve um momento em que perdemos a última prova, uma gincana de perguntas, que foi ganha por outro colégio. Uma das garotas (acho que foi essa moreninha do cabelão à direita) passou por mim quase chorando. Eu falei pra ela aquele velho discurso: O importante é competir bacana, ganhar não é tudo... Eu achava que com aquele último resultado a gente ia perder. Mas neste momento saiu a soma final dos pontos, e o Agrolongo ganhou! Foi uma explosão total, eles enlouqueceram, era o colégio de turma mais jovem que concorria, eles estavam envolvidíssimos... Como não vibrar?! Uma tarde inesquecível pra mim. (TAVARES, Braulio. entrevista concedida a Luiz Fernando Pinto, 21 nov. de 2020.).

A explosão total é justamente o momento capturado na fotografia, um *instante de instabilidade* que contém nele a experiência do processo com jogos realizados na escola pública. Essa experiência a que estamos nos referindo desde o início deste texto está apoiada no sentido dado por Larrosa ao que diz, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2020. p.). A imagem revela o que nos aconteceu durante três meses de relação, descobrindo maneiras de começos, repetindo, repetindo, até ficar diferente, num exercício constante de ser criança, aprendendo juntos a carregar água na peneira, como diz o poeta, jogando e realizando aproximações com a obra de Bráulio Tavares, resultando em um regresso à infância, um tempo comum, um instante coletivo, um fim de processo que também é começo (BARROS, 2010). Retornar a essa experiência é começar outra vez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- _____. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- _____. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 2.)
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2020.
- BRAGA, Jorge Sousa. **Herbário**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- FREIRE, P. (2001). **Carta de Paulo Freire aos professores**. Estudos Avançados, 15(42), 259-268.
- FENATI, Maria Carolina (org.) **Infância**. – Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017. 228 p – (Gratuita; v. 3)
- LARROSA, Jorge. “Fim de partida”. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- KAFKA, Franz. “Crianças na rua principal”. In: **Contemplação**. O Foguista. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PINTO, Luiz Fernando Pereira. Revelando a infância em uma experiência literária na escola pública. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

SCHNEIDER, Maria Luísa. **Brincar é um modo de dizer - um estudo de caso em uma escola pública**. Dissertação de mestrado em educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

TAVARES, Braulio. **O flautista misterioso e os ratos de Hamelin**. São Paulo: 34 ed., 2006.

_____. **Sete Monstros Brasileiros**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

O AUTOR

Luiz Fernando Pereira Pinto é mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-RIO. Possui pós-graduação em Políticas Culturais de Base Comunitária pela FLACSO - Argentina e graduou-se em Teatro na Universidade Cândido Mendes. É cofundador e diretor presidente da Associação Cultural Peneira e atua como Coordenador Geral do programa Aprendiz Cultural da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

E-mail: l.fernando2p@gmail.com